

RESENHA

# SOCIEDADE DE RISCO: RUMO A UMA OUTRA MODERNIDADE\*

Denis Almeida Suruagy da Silva<sup>1</sup>

Em 1986, Ulrich Beck<sup>2</sup> lançou o livro *Risikogesellschaft: auf dem Weg in eine andere Moderne*. Traduzida para 35 idiomas, a obra foi publicada vinte e quatro anos depois no Brasil, sob o título *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade*, traduzida por Sebastião Nascimento. Em suas 384 páginas, o autor apresenta alguns conceitos e teorizações sobre a transição da sociedade industrial para a sociedade de risco.

A metodologia empregada na construção desta resenha crítica se deu através de leitura e fichamento da própria obra, além de artigos científicos relacionados à obra.

Sem dúvida, a temática relativa às teorias do risco e da sociedade de risco, por dizer respeito à imprevisibilidade e à dimensão que caracterizam as catástrofes da natureza e incertezas na sociedade contemporânea, mais do que contribuiu para o pensamento sociológico, reconstruiu a forma de pensar o progresso da sociedade capitalista. As contribuições de Beck são valiosas para temas sensíveis do campo do direito ambiental, com destaque para a temática voltada às dimensões humanas das mudanças ambientais globais.

---

\* BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

1 Graduado em Direito pelo Centro de Estudo Superiores de Maceió (CESMAC). Especialista em Direito Civil e Processual Civil pela Faculdade Maurício de Nassau. Mestrando em Direito Público pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Servidor Público da Justiça Federal de Alagoas.

2 Doutor em sociologia pela Universidade de Munique, Alemanha. Foi professor de Sociologia na Universidade de Munique. Foi professor visitante na Universidade de Wales, em Cardiff, Reino Unido, na London School of Economics, Inglaterra e na Fondation Maison des Sciences de l'Homme, em Paris, França. Fundador do Centro de Pesquisa Modernização Reflexiva na Universidade Luís Maximiliano de Munique. A ênfase de sua produção está voltada para relações sociológicas transnacionais, desenvolvendo pesquisas em torno de temas sobre cosmopolitismo e transnacionalismo. Falecido em 1º de janeiro de 2015.

A teoria de Beck trouxe à luz uma nova perspectiva para as ciências sociais sobre riscos e incertezas, permitindo a compreensão de como a dinâmica social influencia as dimensões simbólicas e normativas do que se considera risco.

Quanto ao contexto em que a obra foi escrita e publicada, convém destacar que a teoria sobre a sociedade de risco foi desenvolvida a fim de descrever as mudanças que estavam em curso na Alemanha durante os anos setenta e oitenta do século XX. Apesar disso, a teoria de Beck, voltada ao reconhecimento da transição de sociedade industrial de classes para a sociedade industrial de risco, apresenta-se como prospectiva em relação à sociedade de risco.

A obra trata de um fenômeno – transição de sociedade industrial de classes para a sociedade industrial de risco – ainda em curso, o que exigiu do autor a concepção de novas categorias sociais, além da reformulação de algumas outras já consagradas, de maneira a permitir a compreensão de seu pensamento.

O livro é estruturado em três partes. Na primeira parte, composta por dois capítulos, o autor apresenta seus argumentos em torno da lógica sobre a distribuição de riqueza e dos riscos. Um dos pontos de partir da teoria desenvolvida por Beck é a passagem da sociedade de classes para a sociedade de risco.

Para o autor, a transição para a sociedade de risco desmistifica a crença de que a sociedade industrial moderna com seus esquemas de trabalho e de vida, seus fatores produtivos, seus conhecimentos científicos e tecnológicos, constituiria o nível mais alto da modernidade e seria capaz de assegurar uma ordem econômica e social segura.

Na contemporaneidade, a produção de riqueza é acompanhada da produção de riscos. E, assim, a sociedade fabrica seus próprios riscos, tornando o processo de modernização reflexiva, convertendo o risco em tema e problema, rompendo a previsibilidade da vida em sociedade.

Risco e reflexividade são conceitos centrais na obra de Beck. Por meio do risco, tem-se acesso à realidade social, enquanto que através da reflexividade se explica a lógica com que se dinamiza essa realidade social. Portanto, pode-se apresentar o eixo teórico da obra

de Beck como sendo modernização-risco-reflexividade (BOSCO; FERREIRA, 2016, p. 236). A partir da modernidade reflexiva, denota-se que a produção da riqueza seria inseparável da produção de riscos.

Segundo o autor, na sociedade de classes a discussão gira em torno da maneira como a riqueza socialmente produzida pode ser distribuída de maneira socialmente desigual e, ao mesmo tempo, ilegítima. Por outro lado, na sociedade de risco o ponto central é como evitar ou mitigar os riscos e ameaças criados de forma que não comprometa o processo de modernização e sem romper com as fronteiras do que seja ecológica, medicinal, psicológica ou socialmente aceitável.

A obra de Beck, em algumas passagens, dialoga com a obra de Karl Marx. A partir da hipótese de transição da sociedade de classes para sociedade de risco, Beck revisita o conceito de Karl Marx da clássica sociedade industrial. Enquanto Marx inovou ao investigar cientificamente a relação entre o capital e o trabalho assalariado, Beck inovou ao estudar as ameaças sociais decorrentes do desenvolvimento do capitalismo não previstas por Marx.

Assim como as teorias marxistas, a teoria de Ulrich Beck parte da ideia de que o desenvolvimento da humanidade não se dá de forma linear e uniforme, havendo fases de descontinuidades nesse processo evolutivo.

Numa primeira análise, a proximidade dos temas e das formas como eles foram abordados pelos autores poderia indicar que as questões tratadas por Ulrich Beck já teriam sido formuladas por Karl Marx. Entretanto, as teorias de Beck, apesar de apresentarem alguns pontos de contato com as teorias de Karl Marx, possuem referenciais históricos e sociais próprios e especificidades estruturais distintas das teorias de Marx.

Beck explica que o termo *risco* apresenta dois sentidos diferentes. O primeiro aplica-se a um mundo regido totalmente pelas leis da probabilidade, em que tudo pode ser mensurado e calculado. Além desse sentido, risco pode ser descrito como incertezas não quantificáveis, isto é, riscos que não são mensuráveis. O autor esclarece que, quando se refere à sociedade de risco, fá-lo nesse último sentido.

O autor, então, propõe a criação de *consciência do risco* para lidar com o fato de que o risco é, muitas vezes, invisível. Para tanto, segundo o autor, seria necessário caminhar em direção à consciência sobre o risco civilizacional para que o pensamento e representação do cotidiano se livrem das amarras do mundo das coisas visíveis.

Aqui, mais uma vez, a teoria de Beck dialoga com a Karl Marx, já que a consciência do risco de Beck se aproxima da consciência de classe de Marx, com as devidas adaptações. A questão central enfrentada por ambos com suas teorias da consciência do risco e da consciência de classe envolve o mesmo problema, ou seja, o acesso ao mundo das coisas passíveis de observação.

A segunda parte do livro, com seus quatro capítulos, se volta para as questões mais amplas sobre as dimensões da sociedade de risco. Nesse ponto, o livro percorre o caminho de mudanças causadas pelo processo de modernização na virada do século XXI em importantes estruturas sociais como classes sociais, formas familiares, questões ligadas ao gênero, casamento, profissão, entre outras. Para o autor, essas mudanças produziram profundas alterações nos sistemas intrassociais da sociedade industrial.

Entre as ideias expostas na segunda parte do livro, a individualização é a que ganha maior destaque em razão de sua importância para compreensão da teoria da sociedade de risco. A individualização das situações de vida e padrões biográficos é um dos pilares da produção teórica de Beck.

Enquanto na sociedade de classes a figura central é o proletariado – responsável por inúmeras conquistas –, na sociedade de risco o elemento central é o indivíduo e não um grupo, pois todos estão suscetíveis aos perigos – existentes e invisíveis, mas palpáveis. De modo geral, as contribuições da teoria da sociedade de risco se mostram atuais e, em um sentido amplo, guardam pertinência com os atuais riscos econômicos, sociais, biológicos etc.

Para o autor, a individualização decorre da modernidade reflexiva da sociedade de risco que, por meio da modernização assegurada pelo Estado de bem-estar social, rompe

com os arranjos tradicionais da vida social numa sociedade industrial clássica, iniciando processo de diversificação das condições sociais de vida.

Beck parte da hipótese de que com o atendimento pelo Estado das demandas dos trabalhadores e do acesso às políticas públicas voltadas para melhoria da qualidade de vida teria havido uma espécie de desincorporação de identidades sociais.

O conceito de individualização na teoria de Beck está associado a uma melhoria das condições de vidas dos trabalhadores proporcionada pelo Estado do bem-estar social. Ocorre que, atualmente, em alguns países periféricos, nos quais diversas necessidades humanas básicas não são atendidas, vê-se presente o fenômeno da individualização com a ruptura da consciência de classes nesses países. Portanto, apesar de prever acertadamente o fenômeno da individualização, Beck errou as causas deste fenômeno.

Ao longo da terceira parte do livro, como se pode ler em seus dois capítulos, o autor reflete acerca do papel da ciência na produção de conhecimento sobre os riscos. Aqui as críticas do autor se voltam a um pretenso determinismo visto na racionalidade científica, que impõe à sociedade aquilo que se considera verdade.

Partindo de concepções sobre a sociedade industrial, o autor trata daquilo que ele chama *especializabilidade*, que, em linhas gerais, pode ser descrito como um movimento do conhecimento científico e da ação política que delimita e monopoliza o conhecimento científico por meio de instituições que fazem parte do sistema científico e político. A ciência ganha papel de destaque, pois ela se torna ainda mais necessária, todavia, ao mesmo tempo, mostra-se cada vez menos suficiente para definição socialmente vinculante do que é verdade.

A título de conclusão, o livro tem como hipótese central a ideia de que a sociedade de risco caracteriza uma fase no processo de transição entre a sociedade industrial e a sociedade de risco – uma que ainda não morreu (sociedade industrial) e outra que ainda não nasceu (sociedade de risco).

Centrado na descrição de uma situação social futura, mas iminente, Beck não se ocupa em descrever a situação social existente ao tempo em que o livro foi concebido.

Disso decorre o caráter prospectivo e, em algumas passagens, especulativo de suas reflexões, pois voltadas para uma realidade social ainda incerta.

Algumas críticas podem ser tecidas à teoria de Beck.

A primeira delas diz respeito à centralidade de suas análises sob a perspectiva europeia ocidental. A segunda trata da insuficiência a uma abertura transdisciplinar, pretendida pelo autor, de sua teoria. Isso porque, apesar de seus esforços por um uso heurístico do conhecimento de várias áreas do saber humano, sua teoria estaria dirigida, preponderantemente, aos estudos voltados ao meio ambiente e à sociedade. Um terceiro ponto de crítica diz respeito à ausência de fatores históricos ou processos sociais que legitimem a afirmação de que o risco pode alterar a estrutura econômica da sociedade de classes. Nesse ponto, não haveria alteração da forma como as forças de trabalho são apropriadas em uma sociedade de risco em comparação com uma sociedade de classes e, além disso, o modo de produção do risco nada mais seria do que o próprio modo de produção do capitalismo.

Apesar dessas críticas, a teoria de Beck não perde sua relevância e vitalidade diante da importância do fenômeno do risco na contemporaneidade. A teoria de Beck, apesar de escrita há mais de três décadas, mostrou-se acertada ao anunciar o fim do proletariado na forma em que era concebido na sociedade industrial clássica. Com efeito, apesar do trabalhador assalariado não ter sumido da história, sua identidade tradicional se perdeu ao longo das últimas décadas, embora a lógica de dominação ou de divisão social em classes não tenha sofrido ruptura.

A tradução da obra para o português proporcionou a comunidade jurídica brasileira conhecer uma teoria que ajuda a compreender a preocupação com as incertezas e inseguranças impostas pela atual vida em sociedade. No entanto, o legado de Ulrich Beck ultrapassa essas fronteiras.



## REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BOSCO, Estevão; FERREIRA, Leila. Sociedade mundial de risco: teoria, críticas e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 42, p. 232-264, maio/ago. 2016.

FALBO, Ricardo Nery; KELLER, René José. Sociedade de Risco: Avanços e Limites da Teoria de Ulrich Beck. **Revista Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1992-2015, 2015.

GUIVANT, Júlia Silvia. A trajetória das análises de risco: da periferia ao centro da teoria social. **BIB** – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 46, p. 3-38, 2. sem. 1998.

SILVA, Denis Almeida Suruagy da. Resenha de: BECK, Ulrich. *Sociedade de risco*: rumo a uma outra modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. **RBSD** – Revista Brasileira de Sociologia do Direito, v. 10, n. 1, p. 101-107, jan./abr. 2023.

Recebido em: 01/08/2021

Aprovado em: 26/12/2022